



contacto



Äddi e obrigado

A última visita oficial de Henri a Portugal como chefe de Estado ficou marcada pela emoção. Em Viseu, o Grão-Duque encontrou portugueses do Luxemburgo e despediu-se de um país pelo qual tem uma amizade especial. Reportagem de coração cheio.



“Amizade será para sempre”. Henri emociona-se na última visita a Portugal como Grão-Duque

Henri viajou até Portugal, pela última vez enquanto Grão-Duque, com uma missão especial. Esteve em Cabanas de Viriato, onde timbrou a memória dos populares. No retorno, levou o coração cheio. A visita a terras lusas deu o mote para uma entrevista exclusiva ao Contacto, onde o chefe de Estado falou sobre a ligação a Portugal e a sucessão no trono luxemburguês.

Filipa Matias Pereira

Ao lado de Marcelo, Henri também não escapou às habituais selfies com os populares.

Foto: Maison du Grand-Duc / Rui Oliveira

Destaque

Destaque



O Grão-Duque confidenciou ao Contacto que se emocionou durante a visita ao Museu.

Foto: Maison du Grand-Duc / Rui Oliveira



O Grão-Duque e o Presidente da República portuguesa foram recebidos por dezenas de pessoas na Casa-Museu Aristides de Sousa Mendes.

Foto: David Oliveira



Henri e Marcelo leem os nomes das pessoas que foram salvas por Aristides de Sousa Mendes.

Foto: Maison du Grand-Duc / Rui Oliveira

Percorria os corredores da Casa-Museu Aristides de Sousa Mendes, onde está documentado o legado do cônsul português que salvou mais de 30 mil pessoas que fugiram da perseguição nazi, quando se emocionou. Henri comoveu-se ao ver os nomes dos avós, do pai e dos tios entre as pessoas que foram salvas pelo diplomata e para quem Portugal foi o símbolo da esperança em tempos de guerra.

O Grão-Duque viajou até Portugal, na quinta-feira, para visitar o museu, situado na remota vila de Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, no distrito de Viseu. E fê-lo a título pessoal. Não quis deixar o trono luxemburguês sem prestar esta homenagem a Aristides, um homem que considera "um herói".

Esta foi a última vez que visitou o país como chefe de Estado mas, contas feitas, é a terceira vez que está em terras lusas enquanto Grão-Duque. Algo "excecional" na história da monarquia luxemburguesa, como o próprio admitiu numa entrevista exclusiva ao Contacto.

O que muitos não saberão é que Henri já esteve noutras oportunidades em Portugal a título pessoal. "Umas seis ou sete", confidenciou, admitindo que continuará a voltar a terras lusas quando se reformar.

Este é um claro sinal dos laços históricos que unem as duas nações e que começaram a desenhar-se quando Guillaume IV, que viria a

ser Grão-Duque, se casou com a princesa portuguesa, Maria Ana de Bragança, filha do rei português D. Miguel. A monarca foi Grã-Duquesa do Luxemburgo entre 1905 e 1912 e assumiu a liderança do Estado entre 1908 e 1912, durante a doença do marido.

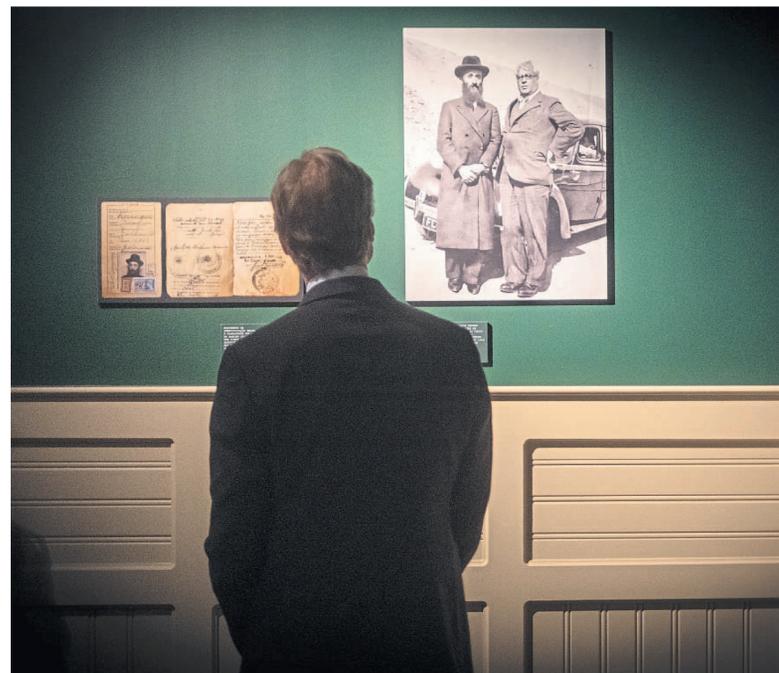
Henri tem, portanto, ADN português e, ao longo do seu reinado, sempre honrou as origens. Voltou a

fazê-lo nesta entrevista, onde agradeceu também à comunidade portuguesa que ajudou a construir o Luxemburgo. "Seremos sempre muito gratos pelo que fizeram e pelo que ainda fazem", admitiu.

E o Grão-Duque não tem dúvidas de que esta conexão não é apenas um retrato do passado. Manter-se-á no futuro, quando o príncipe Guillaume estiver ao leme dos destinos

do Luxemburgo: "Acredito que esta amizade é para sempre", pressagiu.

Este sentimento que une as duas nações foi sentido por quem presenciou a chegada do Grão-Duque e do Presidente da República portuguesa a Cabanas de Viriato. A população saiu à rua para receber Henri e Marcelo Rebelo de Sousa. Afinal, não é todos os dias que dois chefes de Es-



Henri fez questão de visitar o Museu de Aristides Sousa Mendes antes de deixar o trono.

Foto: Maison du Grand-Duc / Rui Oliveira

“É certo que Aristides de Sousa Mendes era um herói. É preciso ter muita coragem para agir contra o próprio governo.

Grão-Duque Henri

“Emocionei-me ao ver os nomes dos meus avós, do meu pai, das minhas tias e tios.

Grão-Duque Henri

tado visitam esta pacata vila do distrito de Viseu. O dia era de festa.

O Grão-Duque era aguardado por portugueses emigrantes no Luxemburgo. E, assim que foi cumprimentado com "moein" pelos populares, não hesitou. Aproximou-se de quem lhe acenava, distribuiu sorrisos e quis saber as histórias de quem consigo partilhava uma identidade cultural.

Não escondeu o espanto ao ouvir "Bissen", "Differdange", "Lasauvage". Sentiu-se "em casa". Em Cabanas de Viriato, Henri timbrou a memória das gentes. No retorno, levou o coração cheio.

Veio a Portugal visitar a Casa-Museu Aristides de Sousa Mendes para homenagear um símbolo da paz durante a guerra. Considera o antigo cônsul português um herói?

Descubra os nossos novos artigos

automoto

A atualidade automóvel, todas as semanas, pelos nossos especialistas

O seu novo encontro semanal, a descobrir em contacto.lu e todas as quartas-feiras no Contacto. Todas as semanas, encontrará um novo artigo com as últimas novidades do sector automóvel e vídeos exclusivos de test-drives apresentados. pelos nossos especialistas.

Destaque

Destaque

(Continuação da página 5)

Considero que, na altura em que ele era cônsul em Bordéus, fê-lo por convicção e devido aos seus valores. Mas olhando para o passado, mais de 80 anos depois, é certo que ele era um herói. É preciso ter muita coragem para agir contra o próprio governo, liderado por António de Oliveira Salazar. E sobretudo para assumir riscos sem saber o que aconteceria à sua família se deixasse de ser cônsul em Bordéus. Sente-se muita emoção quando se anda pela Casa-Museu.

Aristides de Sousa Mendes escreveu o seu nome na história ao salvar cerca de 30 mil pessoas que fugiram do regime nazi, incluindo luxemburgueses, durante a II Guerra Mundial. Fê-lo, no entanto, à revelia do ditador António de Oliveira Salazar, que liderava o governo da altura e tinha proibido os cônsules de concederem vistos a estrangeiros de nacionalidade indefinida, apátridas ou judeus, devido à neutralidade de Portugal durante o conflito. Mas o coração de Aristides falou mais alto. Em tempos de guerra, usou o poder que tinha: o carimbo.

Corria o ano 1940, um dos anos mais críticos da II Guerra Mundial, quando Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, lhes garantiu um visto para seguirem rumo a Lisboa. A Grã-Duquesa Charlotte, o marido, o príncipe Félix, e os filhos, entre eles o Grão-Duque Jean (pai de Henri), e membros do Governo luxemburguês da altura integravam esse grupo que abandonou o Luxemburgo.

A realeza do Luxemburgo ficou em Cascais, onde hoje é a Casa de Santa Maria de Cascais. Passadas algumas semanas, Charlotte enviou a família para os Estados Unidos e permaneceu em Portugal para reagir à anexação nazi. A Grã-Duquesa escolheu resistir e ficou 101 dias em Portugal, antes de partir para o exílio em Londres, Estados Unidos e Canadá.

Emocionou-se durante esta visita?

Muito, muito. Especialmente porque a minha própria família passou por isso. Então, ao ver os nomes dos meus avós, do meu pai, das minhas tias e tios, foi muito emocionante.

“Acho que o futuro entre Luxemburgo e Portugal será promissor.”

Grão-Duque Henri



A Grã-Duquesa Charlotte, o marido, o príncipe Félix, e os filhos, entre eles o Grão-Duque Jean (pai de Henri), e membros do Governo luxemburguês da altura integravam o grupo que abandonou o Luxemburgo na II Guerra Mundial.

Foto: Maison du Grand-Duc / Rui Oliveira



Depois de visitar o Museu, o Grão-Duque passou pela LOSCH Digital Lab, uma startup-luxemburguesa com instalações na Universidade do Porto. Foto: Maison du Grand-Duc / Rui Oliveira

Ainda existem heróis?

É difícil dizer porque geralmente eles aparecem quando há uma grande crise. Durante a II Guerra Mundial, além de Aristides de Sousa Mendes, tivemos outros, como Churchill ou De Gaulle. Sem o conflito, eles não seriam considerados heróis. Penso que é necessário haver condições para fazer um herói. Mas, na vida quotidiana, há heróis. Há pessoas que salvam outras de se afogarem num rio. Acontece todos os dias. Então, sim, existem mais heróis anónimos, mas não tantos heróis mundiais como Aristides.

Luxemburgo e Portugal têm uma longa história em comum. Como vê a relação entre as duas nações no futuro?

Acho que o futuro entre Luxemburgo e Portugal será promissor. Temos, de facto, uma longa história juntos, que começa pelo facto de ter bisavós portugueses, de quem descendo. Portanto, há uma

ligação familiar entre os dois países.

E, claro, também pelo facto de os meus avós terem ido para Lisboa durante a II Segunda Guerra Mundial, onde receberam ajuda das autoridades portuguesas para permanecerem no país em exílio, antes de partirem para os Estados Unidos, Canadá e Reino Unido. Mas a ligação deve-se também à incrível imigração da população portuguesa, que começou nos anos 1960, graças a um acordo político entre Portugal e Luxemburgo, que permitiu a emigração de um grande número de portugueses. E estamos muito felizes em tê-los, pois são trabalhadores dedicados.

Seremos sempre muito gratos à comunidade portuguesa pelo que fizeram e pelo que ainda fazem. Aliás, alguns deles já fizeram parte do Governo, como Félix Braz, que foi ministro da Justiça. Há muitas histórias de sucesso de imigrantes que chegaram muito pobres ao Luxemburgo

“Seremos sempre muito gratos à comunidade portuguesa pelo que fizeram e pelo que ainda fazem no Luxemburgo.”

Grão-Duque Henri

go e cujas gerações alcançaram muito graças ao seu trabalho árduo.

Já falou com o príncipe Guillaume sobre esta relação entre os dois países?
Sim, claro. Mas ele conhece muito bem esta relação.

O príncipe já chegou a dizer que se sente em casa quando está em Portugal...



Durante a visita, foi assinado um protocolo de colaboração entre Cabanas de Viriato e Esch-sur-Alzette.

Foto: Maison du Grand-Duc / Rui Oliveira

Et si investir faisait partie de votre quotidien?



Prenez de bonnes résolutions pour votre argent !
Profitez du rendez-vous finances sur bil.com/rdv-finances

BIL
1856

Investir comporte un risque de perte en capital.

Banque Internationale à Luxembourg SA, 69 route d'Esch, L-2953 Luxembourg, T. +4590-5000, RCS Luxembourg B-6307

Destaque



(Continuação da página 7)

Sim, é verdade. Sentimo-nos de facto em casa quando cá estamos. Como sabe, quando estamos no Luxemburgo, estamos rodeados de portugueses. Na casa onde vivemos também trabalham lá portugueses. Acredito que esta amizade será para sempre.

Considerando que a sua avó esteve exilada nos EUA, aceitaria um convite de Donald Trump para visitar a Casa Branca?

Essa é uma pergunta difícil e o Governo certamente não aceitaria que eu fosse aos Estados Unidos e visitasse a Casa Branca neste momento. Os políticos também mudam e temos de ter sempre esperança no futuro.

Durante o seu reinado, abordou várias vezes o tema das alterações climáticas. Está preocupado com o legado que vamos deixar às futuras gerações?

Ao visitar esta região, ainda conseguimos ver a devastação dos incêndios. Aliás, esta visita deveria ter acontecido em setembro do ano passado, mas não foi possível devido aos incêndios nas aldeias ao redor. As mudanças climáticas são uma realidade e é necessário fazer algo para tentar reduzir o impacto do CO2 no mundo. E isso é algo para o qual temos de contribuir: a Europa, os Estados Unidos da América e o resto do mundo.

Mas acredito que cada um tem a sua parte de responsabilidade de

tentar reduzir os seus próprios resíduos e respeitar a natureza. A biodiversidade é fundamental porque não poderíamos viver sem o restante da vida animal e vegetal. É o nosso dever proteger a natureza.

No Grão-Ducado, anualmente, no Dia Nacional da Árvore, inaugura-se simbolicamente a época de plantação de árvores. A iniciativa é da fundação Hëllef fir d'Natur, mas tem o carimbo da família grã-ducal. No ano passado, a tradição foi cumprida pelo príncipe Guillaume,

Henri quis saber a história dos emigrantes portugueses do Luxemburgo que o receberam.

Foto: Maison du Grand-Duc / Rui Oliveira

que seguiu as pisadas do pai, Grão-Duque Henri. Além disso, em 2023, Henri aceitou o convite para caminhar na natureza com um jornalista do Contacto, que atravessou o país a pé.

Olhando para o futuro. Este ano deixará o trono, que será assumido pelo

príncipe Guillaume. Já lhe deu alguns conselhos em relação ao novo cargo?

Disse-lhe várias coisas, claro, mas ele foi educado de acordo com o princípio da monarquia, com o objetivo de me suceder. Por isso, está extremamente bem preparado. Hoje em dia conversamos muito e não tenho dúvidas de que ele será um excelente Grão-Duque e será capaz de cumprir seus deveres, assim como as gerações anteriores o fizeram.

No dia 3 de outubro de 2025, o príncipe Guillaume vai ascender ao

trono, sucedendo ao seu pai. O anúncio foi feito pelo próprio Grão-Duque no dia da Festa Nacional, a 23 de junho de 2024. Henri revelou que vai reformar-se quase 25 anos depois de ter sucedido ao pai, o Grão-Duque Jean, a 7 de outubro de 2000. Meses depois, em outubro de 2024, Guillaume tornou-se 'lugar-representante' do Grão-Duque Henri, um título formal que lhe confere funções adicionais. Trata-se de um período de transição na passagem do poder entre os monarcas.

Provavelmente esta é a sua última visita a Portugal como Grão-Duque. Pretende continuar a visitar o país após a reforma?

Sim, com certeza haverá muitas oportunidades para voltar. Já estive muitas vezes em Portugal e viajei bastante pelo país. Tenho cá amigos e família. Haverá muitas oportunidades para voltar.



Henri no adeus a Portugal.

Foto: David Oliveira

Grão-Duque Henri

“ Não tenho dúvidas de que Guillaume será um excelente Grão-Duque e será capaz de cumprir seus deveres, assim como as gerações anteriores. ”

PORTUGAL



5€
,99

0 KG

COSTELETAS DE PORCO DO CACHAÇO
Apenas em caixinha.
Origem : França ou Luxemburgo.



7€
,99

0 KG

DOURADA 400/600



1€
,99

0 KG

LARANJAS COM FOLHA
Origem : Portugal.



7€
,89

AZEITE CLÁSSICO "OLIVEIRA DA SERRA"
75 cl.
O L : 10,52 €.



Descarregue a aplicação **Mon E.Leclerc** para descobrir todas as nossas ofertas



2€
,79

A PEÇA

POLPA DE TOMATE "COMPAL"
1 kg.
Por 6 (6 kg) : 11,16 €
no lugar de 16,74 €.
0 kg : 1,86 €.

4+2
GRÁTIS



0 1º PRODUTO
14€
,49
0 2º PRODUTO
7€
,25

-50%
NO 2º PRODUTO COMPRADO

CERVEJA "SUPER BOCK"
5,6% vol.
24 x 25 cl (6 L).
O L : 2,42 €
Por 2 (12 L) : 21,74 €
no lugar de 28,98 €.
O L : 1,81 €



1€
,89

VINHO REGIONAL ALENTEJANO "GALITOS"
75 cl.
O L : 2,52 €.

Buergbrennen – Unidos pelo fogo

O Buergbrennen é um ritual que ocorre após o Carnaval um pouco por todas as comunas do Luxemburgo. Simboliza a “expulsão” do Inverno e a chegada da Primavera. Há “buergs” gigantescos, verdadeiros castelos de lenha, que congregam multidões. E há outros mais simples, em comunidades mais pequenas, como em Grummelscheid, perto de Wiltz, no norte do Grão-Ducado. Mas o que importa é a comunhão. Aqui, a tradição cumpriu-se.



Em Grummelscheid, no norte do Luxemburgo, cumpriu-se a tradição do “Buergbrennen”. Eram poucos mas bons.
Fotos: Laurent Sturm

Luís Pedro Cabral

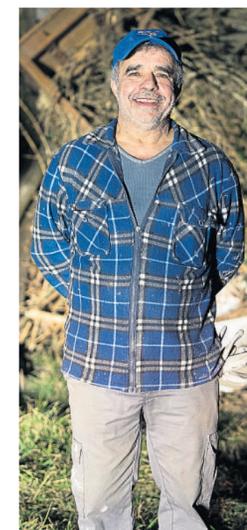
O que faz um holandês que fala luxemburguês a falar com um espanhol que fala dinamarquês, que fala com uma romena fluente em inglês, que se dirige a um português que fala luxemburguês, que por sua vez se dirige em francês a uma rapariga luxemburguesa que arranha o português, que se ri com um luxemburguês, que de português só conhece um palavrão que começa com “c” e acaba numa planta que tanto dá para tempero, como para fins medicinais? Numa palavra que todos conhecem no Grão-Ducado: “Buergbrennen”.

Grummelscheid é uma pequena vila rural da comuna de Winseler, no norte do Luxemburgo. Tem uma enorme extensão de campos em redor, onde a vista se perde, mas os seus habitantes concentram-se ao longo de uma rua, ladeada por casas. Todos se conhecem, todos se cruzam, todos sabem da vida uns dos outros, no que isso tem de bom ou o seu contrário. É uma comunidade pequena, com as afinidades

que formam a sua identidade própria, assim como as suas tolerâncias e os inevitáveis atritos, exactamente como numa família. Esta rua, com vista para as colinas que a cercam, é um espelho multicultural do Luxemburgo, como se fossem uma tribo europeia entregue a si própria. Há qualquer coisa de belo, nisto. Uma simplicidade e uma certa rudeza que só os do campo, na sua ligação à natureza, são capazes de identificar.

Visto de lá, tudo parece distante, na relatividade que tem a distância no Grão-Ducado. Ali tão perto está a cidade de Wiltz, onde se encontra o importante santuário mariano, consagrado à Nossa Senhora de Fátima, que no dia 13 de Maio traz milhares de peregrinos à cidade, entre os quais uma média de 20 mil portugueses. Na II Guerra Mundial, durante a ocupação nazi, Wiltz foi considerada cidade-mártir, sendo incontável o número de mortes e deportações entre a sua população.

A 13 de Janeiro de 1945, numa altura em que a cidade de Wiltz, a pouco mais de 20 quilómetros de Bastogne (Bélgica) – coração da batalha das Ardenas -, corria sérios riscos de ser dizimada, uma dezena de lu-



Augusto Cancela foi um dos impulsioneiros da festa.

xemburgueses, escondidos na cave da igreja de Wiltz, fizeram uma promessa e colocaram-na por escrito, com a benção de Prosper Colling, pároco de Wiltz: se a cidade fosse poupada, fariam na colina de Baessent o “caminho da cruz” dedicado ao Sagrado Coração de Jesus e no seu alto seria construído um santuário em honra de Nossa Senhora de Fátima. Em 1947, já no pós-guerra, três décadas após as aparições da Cova da Iria (1917), uma imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, idênti-

ca à que se encontra no santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal, fez a “via crucis”, para renovar os votos dessa promessa, que seria cumprida em 1952, colocando o santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Wiltz, no mapa mariano.

Não é por essa razão, embora também não deixe de ser, que no lugar de Grummelscheid, mande a tradição de que haja uma cruz no ritual do Buergbrennen.

Este ano, porém, e já não é caso isolado, tal não se cumpriu. Segundo explicou uma habitante, não foi por falta de vontade, mas sim por falta de tempo e de meios. Numa população cada vez mais envelhecida, aqui, como no Luxemburgo, como na Europa, torna-se cada vez mais difícil envolver os jovens nas seculares tradições. Oficialmente, Grummelscheid tem 136 habitantes (dados de 2024).

O senhor “Cancela das Tampinhas”

Um dos habitantes mais antigos de Grummelscheid é Augusto Cancela, que nos anos 70 emigrou de Rio de Moinhos, concelho de Penafiel. É

mais conhecido por “Cancela das Tampinhas”, pois em 2016 reuniu milhares e milhares de tampas, com as quais fez uma mega-bandeira portuguesa, em homenagem à vitória da selecção das Quinas no Euro 2016. Só por um azar do destino esta bandeira, exposta no pavilhão desportivo de Harlange, não entrou para o Guinness Book of Records. Desde aí, nunca mais parou de colecionar tampas. Tem mais de uma tonelada de tampas guardadas num armazém próximo de sua casa. Augusto Cancela tem dois hobbies dos quais não abdica: as tampas e os pombos. Embora participe em competições columbófilas, para ele nem é um desporto, é um amor. “Olhe, uns gostam de futebol, eu gosto de pombos”. Gostos não se discutem.

Augusto Cancela já vive ali há perto de 40 anos. “Já lhe perdi a conta. Uma vida”. Foi também um dos principais impulsioneiros do Buergbrennen deste ano, com muito orgulho. Contribuiu com trabalho, com alguma mobília antiga que se fez lenha para a fogueira, com um pudim e com pataniscas à sua moda, cuja receita não vale a pena mencionar. ▶

UMA VIAGEM GASTRONÓMICA A PORTUGAL

A PREÇOS ALDI

Agora no ALDI

Descubra ainda mais produtos portugueses na nossa loja

COMPAL®
Nectar de manga,
maracujá e limão

PROMO

1.59

1 l

ABELHARUCO®
Vinho Tinto
15.9%vol

PROMO

4.49

75 cl

SUPERBOCK®
Stout
12.9%vol

PROMO

5.75

6 x 33 cl

EMMER CLEVER

Preços válidos a partir de 12/03/2025. Todos os artigos são de stock limitado.

(Continuação da página 11)

Ele não é muito de cozinhar. Normalmente, deixa isso para a Maria Manuela, que é a sua mulher. Mas, como ela não tem andado muito bem, pois esteve internada há pouco tempo por causa de um problema de saúde, lá se lançou ele aos tachos. Foi a primeira vez que se aventurou nas pataniscas e, a avaliar pela opinião dos vizinhos, a receita está mais do que aprovada. “Mas eles que não se ponham com ideias que isto não é para fazer todos os dias. Queriam...”

Augusto não é cozinheiro, nem coisa que o valha, mas cozinha como faz tudo o resto para ganhar a vida: “Com o coração”. Sabe de onde veio. “Vim da pobreza e da fome, não tenho problema nenhum em dizê-lo”. Toda a vida trabalhou na construção civil. Tem a 4.ª classe, o que

não faz dele nem mais, nem menos do que outra pessoa qualquer, porque as pessoas não se medem assim. Tem 60 anos de idade e quase 40 de Luxemburgo, mas é português, isso ninguém lhe tira. E também não é por isso que deixa de ser luxemburguês como qualquer luxemburguês da vizinhança.

Mas, há que dizê-lo, não estava bem a ver quem era a Salomé, a rapariga que incompreensivelmente lhe respondia em português quando ele lhe falava em francês ou em luxemburguês. Podia ser do Glühwain (vinho quente), mas não estava a ver quem era aquela gaiata. “Mas tu és portuguesa?” – perguntou ele em português. Ao que ela lhe respondeu que era luxemburguesa, filha de mãe luxemburguesa e de pai francês. Foi quando ele percebeu que, afinal, ele a conhecia desde que era criança. Ela

sorria. “Mas, afinal, como é que tu sabes falar português?”, perguntou ele em francês. E ela respondeu que tomava conta de uma criança portuguesa e que foi assim que aprendeu a falar português, “estás a ver?” Agora, sim, Augusto estava a ver quem ela era. Parecia impossível, mas era mesmo aquela criança que ele conheceu.

O fogo que une

Salomé pediu desculpa, em francês, pois tinha de cumprir a tradição de serem os mais novos, ou mais os insígnies da comuna (que não estavam presentes), a transportar as tochas para acender o fogo. Já por mais do que uma vez ali esteve presente o burgomestre de Winseler para o ritual. A “buergen” da vila de Grumelscheid, ao contrário do que acon-



Segundo a tradição são os mais novos que acendem a fogueira.

Foto: Laurent Sturm

tece um pouco por todo o Luxemburgo, não tinha exactamente um castelo de lenha para queimar. Era mais um amontoado de lenha com destroços de mobílias (pelos vistos, Augusto não foi o único a contribuir), formando uma pirâmide para cima de três metros, que rapazes em tractores tinham trazido e amontoado no ponto mais alto da colina, uns 520 metros sobranceiros à vila. De lá, viam-se as fogueiras ao longe, em Noertrange, em Hosingen, em Rullingen, em Berle, em Derenbach. Uma visão magnífica, que torna a região numa comunidade, unida pelo fogo distante, como eles estavam unidos, enquanto comunidade, poucos mas bons, em torno do seu.

Alex Khristiansen, meio-espanhol, meio-dinamarquês, chegou com a sua carrinha, com os Gipsy Kings a tocar. E a festa em torno da

fogueira fez-se, embora toda a gente tenha de lá saído antes de se tornar em cinzas. Seguiu toda a gente para um armazém, não muito longe da casa de Augusto, que tinha deixado o pudim junto à janela de um vizinho.

A tradição do Buergbrennen não é apenas uma tradição, é um ritual ancestral, tão antigo quanto os primitivos cultos pagãos, sendo que o pagão, numa tradução purista, é aquele que vive no campo e do campo. Há quem diga que o Buergbrennen tem na sua simbologia os tempos em que se queimavam as bruxas, mas o significado desta celebração, que normalmente ocorre no primeiro domingo após o Carnaval, tem a ver com a “expulsão” do Inverno e o início da Primavera, símbolo de todos os renascimentos. Mas é claro que as alterações climáticas começam a interferir. Pelo ritual pu-

rificador do fogo se celebra o triunfo do calor sobre o frio, da luz sobre a escuridão.

Mas a verdadeira importância do Buergbrennen tem a ver com a comunhão, o sentido de comunidade. É um elemento gregário, juntando cada uma das comunidades em torno da enorme fogueira. Em Grumelscheid isto é de vital importância, pois está a nascer um novo bairro junto ao velho, trazendo novos habitantes, novas famílias. Esta celebração é também uma forma de integrar quem chega.

A seguir ao fogo, todos desfilaram lentamente para o armazém entre o casario, onde se guardam tractores e material agrícola. Tirando Alex, que tinha desaparecido em alta velocidade na sua carrinha, bastante stressado. Diz a tradição que a seguir à fogueira, se come a tradicional sopa

de ervilhas (lerzebulli) ou a sopa de feijão (bouneschlupp). Tal não aconteceu. Cerca de uma hora depois, quando chegámos ao armazém, já lá estava Alex Khristiansen, com um ar bastante mais tranquilo, com um sorriso aberto e uma cerveja na mão.

Aproximou-se para contar um segredo. A sopa, feita dois dias antes, tinha azedado e ele teve de andar de estação de serviço em estação de serviço a comprar tudo o que encontrou de carne para a grelha, que um vizinho foi buscar. Rapidamente se passou para modo “barbecue”. Para sobremesa, já se sabia: o pudim de Augusto Cancela, que estava em pulgas para saber se “a malta ia gostar”. Tinha estado um dia de Primavera, mas a noite pôs-se fria. O convívio prolongou-se noite dentro. E rezam as crónicas que alguns já chegaram bem quentes a casa.

ENCONTRE
O SEU
PRÓXIMO
CARRO

Descarregue a aplicação e experimente, é grátis!

GET IT ON
Google Play

Download on the
App Store

mycar.lu
o seu site para anúncio de
automóveis no Luxemburgo

Descubra os nossos
novos artigos

automoto

A atualidade automóvel, todas as semanas, pelos nossos especialistas

O seu novo encontro semanal, a descobrir em contacto.lu e todas as quartas-feiras no Contacto. Todas as semanas, encontrará um novo artigo com as últimas novidades do sector automóvel e vídeos exclusivos de test-drives apresentados. pelos nossos especialistas.

ROLLER

As nossas lojas em Wemperhardt e Strassen
estarão abertas para si- venha nos visitar!
Wemperhardt 10-18 horas- Strassen 14-18 horas



-25% cada **2.99**
Água destilada desmineralizada, 5 l (0,60 €/l), 2329000100

-22% cada **3.49**
Limpa para - brisas para o verão (0,70 €/l), 2329000400

-71% PVP* 139.- cada **39.99**
Serviço de mesa Louça em barro, Adequado para máquinas de lavar louça, apta para micro-ondas, 1015085700/+01-02


Entrega gratuita
de móveis a partir de 999.99¹⁾

SEMANAS DE POUPANÇA

Poupe até

71%

Abaixo do PVP*



-54%

PVP* 1959.-
899.99

Cama Bege, Largura da cama 180 x 200cm, 1383000201



-36%

PVP* 1818.50
1149.-

Sofá-cama de canto Prata, Largura de 212x 261cm / Largura 119 x 184 cm, 1388001100

ROLLER Strassen

2, route d'Arlon · L-8008 Strassen
Horário de abertura: Segunda a sexta-feira das 10h às 19h
Sábado das 9h às 18h

ROLLER Foetz

Z.I.Lëtzebuenger Heck · L-3844 Foetz
Horário de abertura: Segunda a sexta-feira das 10h às 19h
Sábado das 9h às 18h

ROLLER Wemperhardt

19, Op der Haart · L-9999 Wemperhardt
Horário de abertura: Segunda a sexta das 10h às 19h
Sábado das 9h às 18h, Domingo das 10h às 18h.



Descubra a nossa publicidade online com ainda mais ofertas todas as semanas em roller.lu



1) A partir de um valor de compra de 999,99 euros, entrega gratuita de móveis no Luxemburgo, França e Bélgica até um raio máximo de 40 km da loja ROLLER onde a encomenda foi efetuada. As distâncias superiores a 40 km serão faturadas a uma taxa fixa por quilómetro. Não acumulável com outros descontos e promoções. Válido apenas durante o período da promoção de 09.03. a 22.03.2025.

Todos os preços são preços de levantamento sem decoração, válidos de 09.03. a 22.03.2025 nas lojas ROLLER do Luxemburgo. Cada artigo apenas enquanto durarem os stocks * Preço de venda ao público



Portugal estará presente com seis stands, incluindo o da Embaixada, da Radio Latina e do jornal Contacto. Foto: Alain Piron

Lusofonia em peso no Festival das Migrações

Cerca de meia centena de artistas, escritores e associações da lusofonia vão estar presentes na 42ª edição do Festival das Migrações, este fim de semana, naquela que será a última presença do casal grão-ducal no evento.

Henrique de Burgo

É a despedida do Grão-Duque Henri e da Grã-duquesa Maria Teresa, enquanto soberanos, do Festival das Migrações, das Culturas e da Cidadania. Tradicionalmente, o casal grão-ducal tem visitado o evento, mas a partir do próximo ano espera-se que a tradição continue com o novo soberano, Guillaume, que tomará posse como Grão-Duque, no dia 3 de outubro de 2025.

A abertura oficial do Festival das Migrações está marcada para as 15h de sábado, 15 de março, na LuxExpo the Box, em Kirchberg. Além dos soberanos, estarão na abertura diversas autoridades, incluindo o presidente da Câmara dos Deputados, Claude Wiseler, o primeiro-ministro, Luc Frieden, outros membros do Governo e autarcas da capital.

Edição com forte presença lusófona

Esta 42ª edição do Festival das Migrações volta a contar com uma significativa representação lusófona,

incluindo a Rádio Latina e o jornal Contacto, diversas associações, artistas e escritores distribuídos por vários stands, atividades culturais, debates e manifestações artísticas.

Quanto aos stands informativos e de gastronomia, os cabo-verdianos vão ter dez associações presentes: Ami Ku Nhós, São Vicente, Kola son Jon Lux, MeMaia, SOS Cap-Vert, Veteranos do Norte, Associação das mulheres de Santo Antão, Grupo Amizade das Mulheres Cabo-verdianas, Smiley Kids (que trabalha no arquipélago), Federação das Associações Cabo-verdianas do Luxemburgo e a ONG Cap Vert Espoir et Développement.

Portugal estará presente com seis stands, incluindo a Embaixada de Portugal – Coordenação de Ensino de Português, o Grupo Etnográfico do Alto Minho, Amigos Emigrantes, Associação Portuguesa e Solidária dos Artesãos, Radio Latina e jornal Contacto (em conjunto com a MedialHuis).

Entre os guineenses há cinco associações: Filhos e Amigos de Caió, Luso-Guineense, Coração da Guiné-Bissau, Filhos e Amigos de Canhobe

e Guineenses de Cabienque. Os brasileiros fazem-se representar com os stands do Coletivo Entreadjudas Luxembourg, Capoeira Mersch e Capoeira Team Luxembourg.

A representar Angola estará a 'Organização das Mulheres Solidárias com Angola' e haverá ainda o stand lusófono Quintal dos Empreendedores.

Programação de sábado

O festival abre as portas ao público às 11h30 no dia 15 de março e fecha à meia-noite e meia, sendo que a participação lusófona começa às 13h, com uma demonstração da Capoeira Team Luxembourg, no palco do espaço Village du Festival.

Meia hora depois, começa o debate literário "Vozes femininas contemporâneas: um retrato das mulheres na literatura portuguesa", com as escritoras Tânia Ganho e Susana Amaro Velho, na sala 2A.

Escritora e tradutora, Tânia Ganho nasceu em 1973, em Coimbra. Publicou o seu primeiro romance, A vida sem ti, em 2005. Apneia, um romance perturbador sobre a vi-

olência doméstica e os maus-tratos a crianças, publicado em 2020, foi semifinalista do Prémio Oceanos e finalista do Prémio Bertrand para o melhor romance português.

Susana Amaro Velho é licenciada em Jornalismo e em Direito. Publicou quatro livros, sendo o mais recente, Descansos, lançado em 2024, e está a coescrever um quinto livro.

Mais tarde, às 16h30, o palco Village acolhe a associação Pessoa, que vai promover uma leitura, em português, do livro infantil "A Nuvem Pipoca", de Marta Chambel.

Programação de domingo

No domingo, dia 16, as portas do festival abrem também às 11h30, mas fecham às 20h. Os primeiros representantes da lusofonia entram em ação às 12h, no grande palco, com o grupo de batucadeiras Amizade Cabo Verde, seguido da Capoeira Mersch, às 12h30, no palco Village.

O Grupo Etnográfico do Alto Minho sobe ao palco principal às 13h30, ao mesmo tempo que decorre a sessão de dança para crianças

Village du Festival reforça participação cidadã

A 'Village du Festival', um espaço de interação e participação cidadã introduzido no evento pelo CLAE em 2023, vai continuar a ser um dos principais pontos de interação do evento. Entre as manifestações, irá acolher a participação de vários grupos lusófonos, incluindo as associações Pessoa, Capoeira Mersch, Capoeira Team Luxembourg, Quintal dos Empreendedores e Instituto Camões – Coordenação de Ensino do Português.

Salão do livro com três escritoras

O Salão do Livro e das Culturas recebe este ano as escritoras Célia Susana Matos, Jayna Naisa Rodrigues e Júlia Borges. Também acolhe os

stands de literatura portuguesa e lusófona da Edição Infinita Portugal, livraria Pessoa e Kamarade.

ARTSManif com oito lusófonos

Na secção "ARTSManif", o público poderá apreciar obras dos artistas Delvis Reis, Bia Morais, Nelson Neves, Paulo Santos e Manuel Dias, Lúcia Lopes Feitosa e Sérgio Pereira, e ainda um stand do projeto coletivo cabo-verdiano PontKultural. A residência artística deste ano vai contar com a fotógrafa e artista guineense Nelida Lourenço Nanque. A entrada no Festival das Migrações é livre.

A abertura oficial do Festival das Migrações está marcada para as 15h de sábado.

Foto: Alain Piron

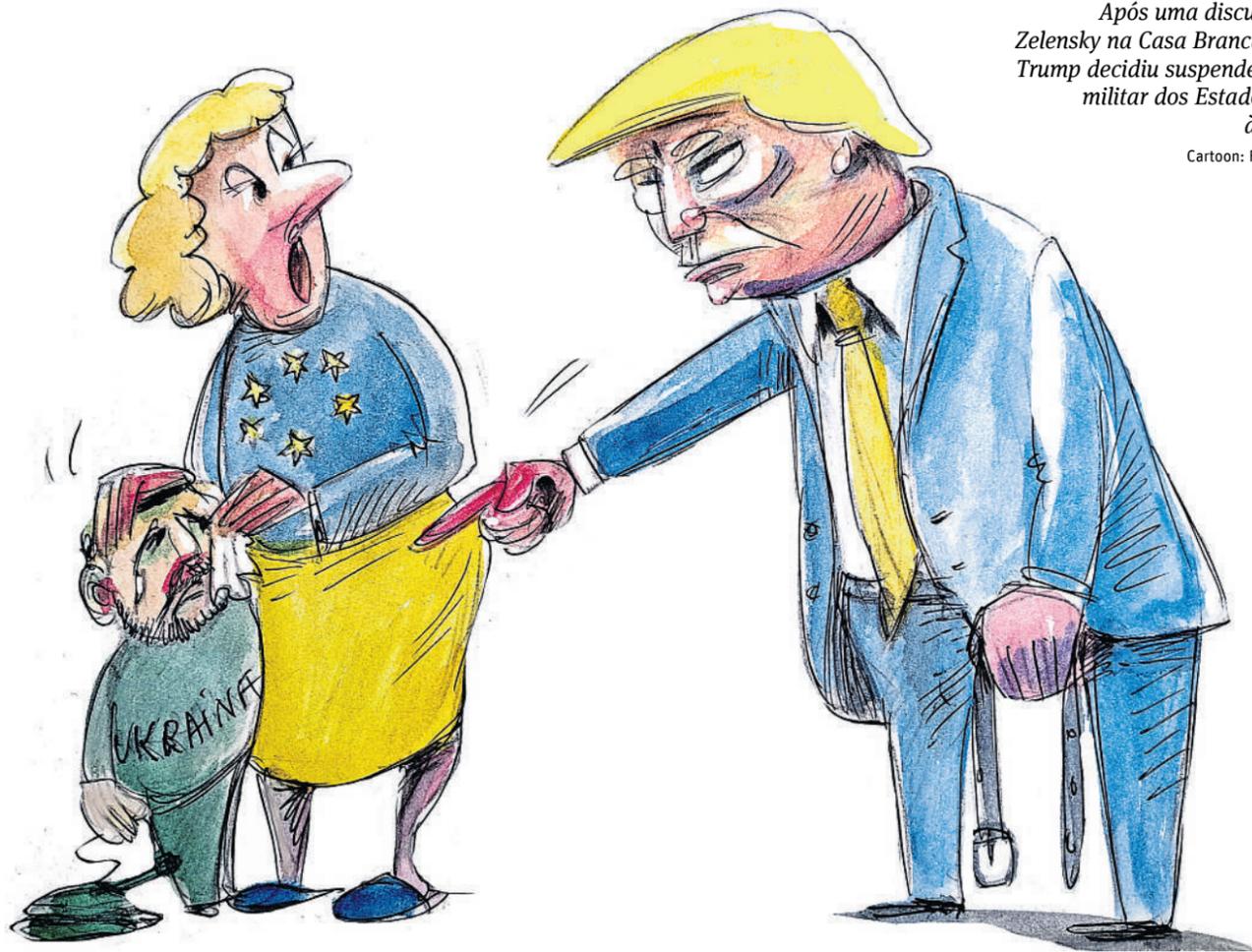




GANHE BILHETES
ESTEJA ATENTO ÀS EMISSÕES DA LATINA

LATINA

LATINA.LU 91.7 | 101.2 | 103.1 FM



Após uma discussão com Zelensky na Casa Branca, Donald Trump decidiu suspender a ajuda militar dos Estados Unidos à Ucrânia.

Cartoon: Florin Balaban

A canção que Portugal vai levar à Eurovisão fez soltar uma raiva desmedida



Ricardo J. Rodrigues
Grande Repórter

Na noite de sábado aconteceu em Lisboa o que ninguém esperava. Decorria a final do Festival da Canção, onde seria escolhido o aspirante português à Eurovisão, festival maior da música europeia e uma das maiores galas televisivas que existem à escala planetária.

Durante décadas, Portugal parava para ver o Festival da Canção. No tempo dos mais pais e avós era Simone de Oliveira e Fernando Tordo, era Madalena Iglésias e eram clássicos verdadeiramente clássicos. Foi “E Depois do Adeus” de Paulo de Carvalho, que ofereceu à mais bonita das revoluções uma palavra-passe. A nossa história confunde-se com esta musicalidade festiva, sem sombra de dúvidas.

Depois há uma segunda fase, a dos anos 1980 e 1990. Também aqui se afirmaram alguns sucessos incontornáveis do nacional-cançonetismo. Quantos de nós não sabem ainda hoje de cor as letras de “Conquistador”, dos Da Vinci, do “Amor de Água Fresca”, de Dina, ou de “Bem Bom”, das Doce? Há o “Playback” de Carlos Paião e há a “Lusitana Paixão” de Dulce Pontes. A Anabela trouxe-nos “Quando Cai a Noite na Cidade”, Sara Tavares cantou “Chamar a Música” e confir-

mou-nos uma certeza: as candidaturas portuguesas à Eurovisão criaram os maiores êxitos de *karaoke* que Portugal canta até hoje.

Depois desta fase, e ainda que Lúcia Moniz nos tenha conseguido uma bela classificação (6º lugar na final europeia de 1996) com “O Meu Coração Não Tem Cor”, Portugal iniciou uma enorme travessia no deserto. Músicas que não pegaram nacional nem internacionalmente, resul-

“As candidaturas portuguesas à Eurovisão criaram os maiores êxitos de *karaoke* que Portugal canta até hoje.”

tados que atiraram o país para o fundo de todas as tabelas e fizeram Portugal desistir de participar sequer na competição.

Até que em 2017 deu-se um milagre chamado Salvador Sobral e uma balada chamada “Amar Pelos Dois”. Contra todas as previsões, o país conseguia pela primeira vez na história ganhar o certame, pondo termo a uma maldição de décadas.

Desde então, os resultados têm sido bastante positivos, aliás, com artistas como Maro ou Iolanda a conseguirem levar Portugal ao top 10 europeu.

Este ano, houve escândalo. O concurso português foi ganho pelos Napa, um grupo madeirense com “Deslocado”, uma musiquinha ‘*indie*’ que fala das saudades que os estudantes madeirenses têm de casa. A bronca estalou nas redes sociais porque a canção surpreendeu tudo e todos. Com metade da votação a ser decidida por júris regionais e outra metade pelo público, questionou-se o facto da cantiga mais votada pelos portugueses não ter recebido sequer um ponto dos jurados do país.

O que é estranho é a fúria que se seguiu na Internet. Multidões desconsoladas punham em causa a decisão e vaticinavam uma hora negra para a candidatura portuguesa. Alguns comentários roçavam a discriminação insular e despejavam uma fúria inédita sobre um grupo de rapazes que fez uma cantilena.

Impressionante o nível emocional da questão. Impressionante o envolvimento dos portugueses com um festival que tomou e ressurgiu. Se ao menos os portugueses fossem igualmente duros na hora de lutar por direitos e igualdade, talvez o país se pusesse um pouco melhor.



Ficha Técnica

Fundado em Janeiro de 1970 / ISSN 1027-7331

Editor

Mediahuis Luxembourg s.a.
RCS Luxembourg B.243490
31, rue de Hollerich, 1741 Luxembourg
Tel.: 4993-1 (central)

Direção

Diretor-geral: Paul Peckels

Diretor dos media portugueses: José Campinho

Direção editorial: Ines Kurschat

Redação

Chefes de redação:

Filipa Matias Pereira

filipa.matias@contacto.lu

Manuela Pereira

manuela.pereira@contacto.lu

Chefe de Redação-Adjunto e Grande Repórter:

Ricardo J. Rodrigues

ricardo.rodrigues@contacto.lu

Gestora de publicações:

Catarina Osório

catarina.osorio@contacto.lu

Jornalistas:

Diana Alves

Henrique de Burgo

Sandro dos Santos

Susy Martins

Tiago Rodrigues

Redes Sociais:

Vitor Carmo

Correspondentes:

Luís Pedro Cabral, Paula Freitas Ferreira,

Paula Santos Ferreira, Rui Miguel Tovar,

Sofia Cristino e Tomás Guerreiro

Cronistas:

Hugo Guedes, Paulo Farinha, Raquel Ribeiro,

Raúl Reis, Sérgio Ferreira Borges

Fotografias:

Arquivos Wort; António Pires, Diana Tinoco,

Guillaume Pizat, Rodrigo Cabrita,

Rui Oliveira, Valter Vinagre

Cartoon: Florin Balaban.

Layout: Frédéric Fis e Bernard Warken

Digital

www.contacto.lu

contacto@contacto.lu

Secretariado de redação

Tel.: 4993-9019

Assinaturas

Assinatura gratuita

T.: 4993 439

csc@wort.lu

Publicidade

REGIE.LU

T.: 4993-9000

regie@wort.lu

Anúncios classificados

T.: 4993 439

classificados@contacto.lu

Dados bancários

Swift: CCPLULL

Iban: LU50 1111 0000 1212 0000

Itres Plurimedia 2023:

32.500 leitores semanais

CIEM 2023

Tiragem média: 16.502

Difusão total: 16.341

No Dia da Mulher, os homens



Paula Freitas Ferreira
Jornalista

Aconteceu no fim de semana. Homens com ramos de flores nas mãos – para a mãe ou avó, namorada e mulher, para a filha. Achei bonito. Não concordo com esta mania moderna de que não se pode dar e receber flores no Dia da Mulher. Também queremos flores, não precisamos é apenas de coisas bonitas.

A melhor sorte que pode calhar a uma mulher é conviver com homens que a olham como igual, que não tomam as suas fragilidades como fraquezas, que não confundem lágrimas com falhas. Porque as mulheres são um vendaval, mesmo quando vos parecem apenas uma brisa.

A pessoa que me ensinou a ser mulher – igual, exatamente igual ao menino ao meu lado na escola – foi um homem. O meu pai. Lembro-me de ter 11 anos e não querer vestir uns calções para ir à escola. Era maio findo, calor de brasa no vale. Tinha vergonha das minhas pernas escanzeladas, mas como me iria saber tão bem o vento ameno na pele descoberta. Chorei.

O meu pai não me deu nenhum sermão ou explicação difícil, nem sequer tentou usar conceitos que em nada me salvariam dos complexos da pré-adolescência.

Pegou na minha mão direita – nunca me deixaria caminhar do lado de fora da calçada, havia o perigo dos carros a passar rente, o primeiro embate seria sempre nele – e levou-me à escola com orgulho, como se eu fosse uma rainha, enquanto me contava histórias que inventava na sua cabeça de menino grande. Rimos tanto durante o caminho que nem me lembrei das minhas pernas de ossos salientes.

Só muitos anos mais tarde é que percebi a importância desse momento. Acontece-me muitas vezes, agora que ele não está, querer agradecer-lhe por nunca me ter achado frágil ou incapaz, por jamais ter tido dúvidas sobre a minha capacidade de chegar perto ou longe, por aceitar as minhas falhas como parte daquilo que eu sou, fosse menino ou menina. Por me ensinar, sem dizer uma palavra, o auto-respeito.

Nos anos de faculdade, escondia maços de cigarros no meu saco de fim de semana – ele que preferia que eu não fumasse, sabia que isso acabaria por acontecer e nunca lhe passou pela cabeça tapar o sol com a peneira. Não iria fingir que eu não tomaria umas imperiais com os amigos e que gastaria o dinheiro do almoço em maços de Marlboro. O meu pai ofereceu-me, sem

pestanear, a igualdade e essa dádiva construiu a mulher que hoje sou.

Claro que isso também me levou a tropeços e a situações difíceis de gerir. Cresci convencida que todos os homens eram como o meu pai, o que não é verdade. Foi duro e várias vezes traumático perceber que para alguns eu era uma “coisa”, algo menor, um degrau qualquer abaixo, e que se mostrasse as garras iria receber o rótulo de “complicada”. Quantas de nós somos “históricas” só porque não concordamos?

Do que as mulheres precisam é de homens com menos medo. Precisamos mais deles do que umas das outras – já somos um exército, conhecemos os atalhos. Mas eu quero estradas limpas e menos conluios. Não precisar de ter voz de mel para fazer valer a minha palavra.

Tenho um filho e o que espero dele é que um dia, se ainda for preciso, leve a filha de pernas escanzeladas à escola, de mãos dadas, e que lhe mostre que somos realmente iguais: os rapazes também têm pernas fininhas e com ossos salientes. Quem é que nos convenceu que não poderíamos ser felizes por causa de uns joelhos feios?

2025: calhou cocó



Hugo Guedes
Analista financeiro

Acada início de Janeiro, a empresa Pantone, detentora da patente de um sistema de cores usado como padrão em variadíssimas indústrias (design gráfico, impressão, design de moda, mobiliário e decoração de interiores, criação de sítios web e apps...), escolhe, por entre os milhares de tons que detém no seu catálogo, uma “Cor do Ano”. Segundo a multinacional, essa cor “sempre foi” (na verdade só começou no ano 2000) “uma parte integral de como uma cultura expressa as suas atitudes e emoções nestes tempos”.

Algumas escolhas foram bem recebidas e muito utilizadas. Foi assim logo com a primeira, “cerúleo” (um azul claro acinzentado), o “rosa quartzo” de 2016, as cores duplas de 2021 (amarelo e cinzento), ou o “azul clássico” de 2020. A cada ano, os magos da cor da Pantone descem das suas luxuosas *penthouses* decoradas em tons pastel e creme e anunciam a boa nova: a cor que, é suposto, reflecte o espírito do tempo; uma elegante ou – ao menos – tolerável síntese de tendências, vontades e desejos. A pretensão de capturar o estado de alma da Humanidade e encapsulá-lo num simples quadrado colorido.

Em 2025, esse quadrado é, infelizmente, castanho. Um castanho médio, nem claro nem escuro, um tom melancólico e entediante que parece mesmo cor de m...ousse. O nome oficial é Mocha Mousse, mas muito a sério: se o restaurante onde vai jantar hoje lhe servir uma mousse desta cor, não a coma, pois de certeza que é de pacote.

Este aborrecimento transformado em cor já está a aparecer em brochuras, sofás e *passarellas*, empurrado por designers que têm de fingir que estão entusiasmados com a tendência. Segundo a Pantone, o “mocha mousse” é suposto evocar conforto, luxo... e “resiliência com os pés assentes na terra”, seja lá o que isso for.

Mas nós sabemos perfeitamente porque é que a cor escolhida foi esta. É que se 2024 foi uma viagem de montanha-russa, 2025 é o momento em que o carrinho pára de repente a meio do *loop* e nós ficamos ali, de cabeça para baixo e em pânico, sem saber se vamos sobreviver a esta. A internet não perdeu tempo em fazer a piada óbvia: “Claro que tinham de escolher castanho, é um ano de merd...” Ou como diria o comediante Bruno Aleixo, com o seu sotaque da Bairrada: “calhou cocó”.

É difícil negar esta narrativa. Assim de repente, a Europa descobriu que pode estar indefesa perante um ataque russo. A economia não está bem, as pessoas continuam com pouco dinheiro nos bolsos (e muita gente parece não estar bem de saúde), o planeta está a sobreaquecer a velocidade alarmante, e a IA está rapidamente a tornar-se capaz de nos substituir a todos. Aquela mousse desinspirada talvez tenha tocado num ponto sensível.

E no entanto, assim que fui ver qual era a cor escolhida para este ano, a minha mente fez uma associação histórica diferente, menos escatológica. Há mais ou menos um século, um grupelho de insurrectos escolheu o castanho como cor das camisas que os identifi-

cavam. Os membros do partido nacional-socialista alemão precisavam de uniformes baratos, disponíveis e que se distinguissem do vermelho usado pelos comunistas; o castanho trazia também alguma simbologia que eles procuravam, sendo “terreno”, logo “agrícola, do povo”, uma cor evocativa de conformismo e conservadorismo. Hugo Boss, um produtor têxtil de Metzingen que se juntou ao partido de Hitler em 1931, ficou rico a produzir estes uniformes, mas nem todos os que os usavam estavam contentes: já na altura as associações a matéria fecal tornavam os nazis matéria de escárnio. Depois da guerra, este tom de castanho tornou-se inaceitável para qualquer organização ou partido político na Alemanha – nem a AfD se atreve a tal. Mas não estou a argumentar que a Pantone está a tentar subtilmente reintroduzir no nosso subconsciente uma estética “nazi chic”. Na verdade, admiro a sensibilidade do painel que pintou 2025 de castanho: com todos os problemas aparentemente irresolúveis que nos rodeiam e neonazis autênticos aos comandos do mundo, como é que a cor do ano podia NÃO ser esta?

Talvez a melhor forma de viver um “ano castanho” seja com um sorrisinho levemente trocista de quem aprecia esta ironia, sabendo que no longo (e absurdo) ciclo da História, voltaremos esperançosamente aos rosas choque e aos azuis alegres. Até lá, disfrutemos das camisolas castanhas, das cortinas castanhas, e da angústia existencial castanha.

Autor escreve ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

Crítica de cinema – “Parthenope”

O filme que todos os cabeleireiros deviam ver

Raúl Reis

A atriz Celeste Dalla Porta oferece uma prestação tão cativante como o é a personagem principal de “Parthenope”: uma mulher de uma beleza tão impressionante que as pessoas param para a olhar sem pudor.

O seu fascínio é perturbador, tal como era o da sua homónima, a fundadora de Nápoles, uma mitológica sereia. A sua beleza, segundo lhe é dito pela personagem interpretada por Gary Oldman, abrirá portas e iniciará guerras, mas Parthenope segue pelo filme fora com uma sedutora despreocupada que se deleita com a sua juventude e a sua beleza.

Mas Parthenope quer ser algo mais do que simplesmente bela, e tem medo de ser vista como alguém vazio, o que a leva a seguir uma carreira académica em antropologia sob a tutela de um professor mal hu-

morado, um dos únicos homens que parece dizer-lhe sempre a verdade.

À medida que estas expectativas chocam de frente com os desejos da personagem, a performance de Della Porta evolui apropriadamente. Embora nunca responda à pergunta sobre o que está exatamente por detrás dos olhos de Parthenope, acrescenta camada após camada ao mistério existente sobre quem é Parthenope e o que quer, começando por um sorriso que ocupa apenas a sua boca nas primeiras cenas até um, mais aberto, tão aberto que podemos vê-lo nos seus olhos.

Mas a história da protagonista é também contada através de pentaedros em evolução constante que não só envelhecem Parthenope da adolescência até ao início dos 30 anos, como também mostram onde ela está na vida, entre os seus desejos conflituosos e a diversão, vida familiar e sucesso profissional. Parabéns ao realizador por ter conse-

guido que cada membro da equipa tenha percebido a missão e encontrado o que funciona melhor para garantir uma evolução natural de Parthenope.

Paolo Sorrentino farta-se de confessar a sua incapacidade para escrever histórias com personagens principais femininas porque acha que as mulheres são, basicamente, misteriosas e bonitas.

A mulher como objeto de desejo masculino é outra das imagens de marca de Paolo Sorrentino, que neste filme leva ao extremo. “Evito o olhar masculino tendo uma diretora de fotografia”, desculpa-se o realizador, explicando esta “medida de segurança”. Mas Sorrentino não consegue enganar ninguém: Parthenope é a sereia mitológica fundadora de Nápoles que deu o seu nome à cidade. É um espelho da cidade em que ele cresceu. É uma sedutora.

A jovem Parthenope equipara-se à cidade no seu mistério. É uma mu-



A atriz Celeste Dalla Porta dá vida a Parthenope. Foto: DR

lher livre, espontânea e sem julgamentos que cresceu em condições perfeitas para ser livre.

Sorrentino paga a sua dívida às personagens femininas a quem evitou dar protagonismo? É difícil julgar porque é que o italiano está tão interessado em contemplar com admiração o corpo e o rosto da sua atriz Celeste Dalla Porta como em divulgar a inteligência de Parthenope, uma brilhante estudante de antropologia.

E o filme vale a pena? Todas as obras deste original realizador

valem a pena, embora todas elas sofram de males mais ou menos menores ou mais ou menos maiores.

Tal como outros realizadores “estilizados”, como é o caso radical de Wes Anderson, o cinema de Sorrentino é vítima da sua forma, tão reconhecível quanto surpreendente. “Parthenope” brilha em lampejos como a juventude dos protagonistas, mas sofre quando o estilo se torna barroco e tudo se complica com a moral confusa da Parthenope madura.

Uma história de bruxas algarvias deu em série para a RTL

Ricardo J. Rodrigues

No centro da história está Celeste, rapariga inquieta e, percebe-se logo, dada às histórias sobrenaturais. O cenário é Aljezur, no Barlavento algarvio, e a ação decorre em plena Segunda Guerra Mundial. No primeiro episódio, vemos um combate entre navios e caças – e um avião que se despenha e um piloto que sobrevive à queda. Há de encontrar Celeste. E é aí que a história vira.

Isto é ‘Finisterra’, uma série de sete episódios falada em português, coproduzida pelo Luxemburgo e que estreia a 15 de março na RTL. Estreou também esta semana na RTP – e por isso está a ser transmitida nos dois países, o que é uma circunstância rara.

Os autores do projeto, Guilherme Branquinho e Leone Niel, estiveram no domingo passado no Kinopolis, em Kirchberg, para apresentar a sua produção no Luxembourg Film Festival. “Isto é um projeto de amizade”, disse Branquinho ao Contacto. “Perceber que vai ser transmitida no Luxemburgo aos sábados, em horário nobre, deixa-nos muito felizes. E mostra bem a importância que a comunidade lusófona tem neste país.”

O filme é falado na língua de Camões, com legendas em francês. Tem um elenco de notáveis atores portugueses – com Leonor Vasconcelos, Rui Pedro Silva, Gonçalo Waddington e Miguel Guilherme à cabeça.



Uma imagem do primeiro episódio de Finisterra, que estreia este sábado na RTL.

Foto: Leone Niel

E também participaram atores luxemburgueses de origem portuguesa, nomeadamente Rita Reis, Fábio Godinho e Alyne Fernandes. “Apesar de serem lusófonos, sugeri-lhes um treinador de fala para que afinassem o sotaque do Barlavento algarvio”, conta Branquinho, o realizador.

A música original da série também foi produzida em terras luxemburguesas, tal como a pós-produção áudio. É por isso um projeto de dois países, com uma linguagem um pouco diferente da-

quela a que estamos habituados por estes dias. “Sinto sempre que as séries são todas muito parecidas. Esta começa num ritmo mais lento, mais próximo da linguagem do cinema. Tem outro tempo”, diz Branquinho.

A história, como já se viu, passa-se em Aljezur em 1943 e baseia-se em acontecimentos que têm tanto de real como de invulgar. O primeiro é sobre um ritual de bruxaria que aconteceu em 1929. O acontecimento terminou com a morte de uma família

de camponeses de Aljezur. O baile do Vidigal durou três dias, acabou em tragédia e nunca foi esquecido no Barlavento Algarvio.

Em 2015, foram encontrados os relatórios do município e da polícia a explicar os acontecimentos. A história dessa manhã danada, que o povo transformou em lenda, acabaria por ser contada numa reportagem da Notícias Magazine em 2016, escrita por acaso pelo mesmo repórter que assina agora este texto. “Foi esse o ponto de partida

para esta série”, diz Guilherme Branquinho.

Passados 14 anos, na mesma localidade, houve um combate de entre Aliados e Nazis que fez cair um avião junto à praia da Bordeira, também nas terras do Barlavento. Um bombardeiro alemão foi abatido por caças ingleses e os quatro algarvios que resgataram os corpos dos aviadores que seguiam a bordo acabariam por ser condecorados por Hitler.

Existem aliás na ala oeste do cemitério da vila sete campos de aviadores alemães abatidos por caças ingleses nesse dia. Salazar, como se há de perceber mais tarde, tentou esconder o episódio que punha em causa a neutralidade portuguesa no conflito.

Mas era impossível abafá-lo completamente. Centenas de pessoas tinham visto o combate sobre os céus de Aljezur, dezenas tinham acorrido ao local onde o grande bombardeiro nazi se despenhara, muitos tinham comparecido ao funeral mais pomposo que a terra alguma vez tinha visto. E havia as campos, com os nomes e os postos militares, em alemão, a provarem que o território português não escapara à guerra. Outra história publicada na Notícias Magazine, pelo mesmo autor, e que serviu de inspiração para este projeto.

Estes episódios servem agora de inspiração a uma série que tem Portugal e tem Luxemburgo lá dentro. A estreia segue dentro de momentos.

Um hat-trick para a história

Alex Ferguson é o primeiro de sempre a marcar três golos ao Rangers, em 1959.

Rui Miguel Tovar

A 27 Dezembro 1959, Alex só tem 17 anos e era um avançado do Queen's Park FC, o clube escocês mais antigo da história, fundado em 1867, e o único das quatro divisões escocesas a manter o registo de amador nos tempos correntes, reflectido nas sábias palavras em latim no seu escudo, *Ludere causa ludendi* – jogar pelo prazer de jogar. Curiosamente, prazer é coisa que Alex não revê no seu futebol nem na sua equipa.

“O meu mundo estava vazio. Tudo o que sonhei ameaçava desmoronar-se a qualquer momento”, escreve Ferguson na sua autobiografia. Como se disse, estávamos em 1959 e era dia de jornada na 1.ª divisão escocesa. “Já estava farto de não me impor na equipa principal e de jogar pelas reservas desde que recuperei de uma lesão. Nos dois jogos em que participei, a desilusão psicológica era bem maior que a física, porque apanhámos duas tareias monumentais: 10-1 do Celtic e 11-2 do Dunfermline. Por isso, naquela manhã de 20 Dezembro, uma sexta-feira, decidi nunca mais jogar pelas reservas, o que implicaria falhar o jogo seguinte com o Rangers, o meu clube de coração. Daí que, seis dias depois, tenha pedido à Joan Parker, namorada do meu irmão, que telefonasse ao Bobby Brown [treinador do Queen's Park], fazendo-se passar pela minha mãe, a dizer-lhe que estava com gripe.” (...)

“No final dessa sexta-feira já estava cá com uns remorsos por ter usado a Joan. Mas isso não foi nada comparado com o que vi quando cheguei a casa dos meus pais. Os remorsos passaram para segundo plano. O meu pai estava com aquela cara de mau mas nem sequer foi ele que me deu o raspante à frente de todos

os meus irmãos e respectivas namoradas. Surpreendentemente, foi a minha mãe que usou da palavra e ainda me atirou à cara um telegrama de Bobby Brown que dizia simplesmente isto: ‘Telefona-me imediatamente.’ ‘O que é que eu faço?’, perguntei na direcção da minha mãe. Mas aí foi o meu pai que tomou as rédeas da conversa: ‘Agora vais à cabina telefónica mais próxima, ligas ao teu treinador e pedes-lhe desculpa senão nunca mais voltas a pôr os pés cá em casa.’ (...)

“Assim foi, e ainda hoje me lembro onde vivia o Bobby Brown (Stanley, 267), porque tive de pedir à telefonista que me fizesse a ligação. Quando ele percebeu quem estava a falar só me disse isto: ‘Como é que podes fazer-me isto na véspera de um jogo importante? Sei perfeitamente que aquela não era a tua mãe e tenho cinco jogadores com gripe de verdade. Aparece no Hotel Buchanan ao meio-dia para a concentração. O jogo é às três.’ Okay, o telefonema correu bem, pensei eu. Não levei um raspante por aí além, não levei multa nem fiquei suspenso. E ainda ganhei, ou parece que ganhei, um lugar na equipa principal para um jogo no campo do Rangers. A caminho de casa fiz todo o esforço para esconder aquele sorriso maroto de contentamento, de triunfo. Em casa nem foi preciso esforçar-me, porque os meus pais ainda estavam incomodados e irritados com a situação. Seguiu-se um interrogatório interminável. Só parou quando fui para a cama.” (...)

“No dia seguinte acordei aliviado e bem-disposto. O meu pai não. Quando o convidei para ir ver o jogo, ele respondeu ‘talvez’, de forma seca. Bem, saí de casa, fui ao banco, onde levantei 80 libras para comprar um casaco já encomendado num alfaiate que conhecia bem, fui para o Hotel Buchanan e lá percebi que ia



Aos 17 anos, Alex Ferguson foi avançado do Queen's Park FC, o clube escocês mais antigo da história.

Foto: AP

ser titular. Dois bilhetes extras garantiam-me automaticamente um lugar no onze. À entrada para Ibrox [estádio do Rangers] fiquei espantado ao ver o meu pai, acompanhado por um outro senhor, que era, nem mais nem menos, o dono do banco. Ao que parece, um dos empregados tinha entregado mal as contas e ele teve de passar o sábado atrás de todos os clientes que levantaram dinheiro naquele dia. Eu fui um deles, mas dessa vez não foi nada comigo. Resolvido esse problema, fiquei sozinho com o meu pai. Após um longo silêncio, atirei-lhe: ‘Tenho aqui dois bilhetes. Quer aproveitar?’ Ele respondeu: ‘Talvez sim, não tenho mais nada que fazer.’ Aquilo satisfiz-me imenso. Ninguém imagina.” (...)

“O que aconteceu naquela tarde em Ibrox só pode aparecer na categoria dos milagres: fiz um hat-trick, o primeiro jogador a fazê-lo ao Rangers, em Ibrox. Foi até a primeira vitória do Queen's Park FC lá. Um rapaz da terra [de Glasgow], nascido e criado a 200 metros daquele estádio, marcou três golos ao Rangers, a equipa da sua vida – não há palavras para descrever isto. Do jogo em si lembro-me perfeitamente. Ao intervalo perdíamos por 1-0, golo de George McLean. Nesses tempos o treinador não ia para o balneário dar sermões ou motivar os jogadores. Essa parte pertencia aos jogadores mais velhos, como Ron McKinnen, Jim Little e Jimmy Walker, que diziam aos mais novos, como eu, que tivéssemos esperança num resultado positivo. Eu, miúdo, acreditei naquelas palavras. E senti-me bem, extraordinariamente bem. Entrei no campo com vontade de fazer uma série de coisas”.

“Logo no início da segunda parte já estava a dar tanto trabalho ao matulão Ronnie McKinnon que já era obrigado a agarrar-me na camisola e nos calções. Aí pensei que podíamos fazer história. Na jogada seguinte fiz o golo do empate. Primeiro rematei com o pé direito, mas a bola bateu na ponta do pé do McKinnon e ressaltou para mim, que fiz a recarga com o esquerdo. O delirante 2-1 chegou dez minutos depois, quando aproveitei uma defesa incompleta de Bill Ritchie. Incrível. Soberbo. E atirei à trave. Mas o Rangers, como sempre, e sem se saber muito bem como, fez o empate a dois. A 12 minutos do fim desferimos o golpe fatal: após uma confusão na área, rematei para a baliza deserta. Estava feito o 3-2 e até podia ter acabado de outra maneira se outro remate meu não tivesse ido à trave. Mas os três golos já estavam bem. No balneário, um dos seniores do Queen's virou-se para mim e perguntou-me: ‘Apercebeste-te de que hoje fizeste história?’ (...)

“Tomei banho e fui para casa, a 200 metros do estádio do Rangers, por uma rua secundária, onde um jornalista, Joe Hamilton de seu nome, do ‘Daily Express’, obteve a minha única declaração desse dia glorioso. Em casa, a minha mãe estava empolgadíssima com o meu feito. O meu pai estava sentado no sofá, a ler o jornal. Quando lhe perguntei o que tinha achado do jogo, ele respondeu: ‘Okay. O que é que te disse sobre chutares à baliza, eh? Se não rematares, não marcas.’ Não sei quantas vezes ouvi isso em toda a minha vida.”

Autor escreve ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

Contactoon

Rúben Vieira Gomes



Mini Cooper S Cabrio: Receita simples e eficaz

Apesar da evolução ao longo dos anos, o Mini continua a manter o seu apelo intocado, provavelmente devido a uma receita imutável – inclusive nesta versão descapotável.

Nicolas Morlet

A Mini continua a manter vivos os pequenos descapotáveis que desapareceram um a um do mercado. Tanto assim é que, hoje, encontra-se sem concorrentes diretos no seu segmento. Até o Fiat 500 não pode ser considerado um rival direto, sendo mais um modelo de teto panorâmico do que propriamente um verdadeiro descapotável e, acima de tudo, elétrico.

O Mini, por seu lado, continua e continuará a ser exclusivamente a combustão. Embora tenha sido anunciada a chegada do Cooper SE, este modelo foi recentemente cancelado devido a um mercado elétrico que continua a não corresponder às expectativas. Até nova reviravolta?

Para já, o modelo britânico permanecerá fiel aos motores térmicos, idênticos aos de três portas: 1,5 litros com 163 cv para o Cooper C, 2,0 litros com 204 cv para o Cooper S, antes da chegada da versão John Cooper Works, com 231 cv. Em todos os modelos, com caixa automática. O mesmo acontece com os três níveis de acabamento conhecidos: Classic, Favoured e JCW.

Viajar de forma leve

O design do carro não apresenta surpresas: segue a linha do Mini, com uma capota de lona que se dobra “como uma mochila”. Ou que apenas abre a zona acima dos bancos dianteiros na sua posição intermédia. Naturalmente, a habitabilidade não é o seu ponto forte, mas, ainda assim, o Mini continua a ser um dos raros descapotáveis de quatro lugares no mercado.

O acesso à bagageira continua a fazer-se através de uma pequena porta basculante e não é dos mais fáceis, devido à reduzida amplitude de abertura. Com o teto fechado, este problema pode ser parcialmente



O novo Mini Cooper S Cabrio tem uma frente dinâmica. Os seus icónicos faróis redondos enquadram a grelha hexagonal desportiva. Foto: Mini

mitigado ao levantar a parte inferior da capota, depois de destravar duas alavancas situadas de ambos os lados da bagageira. Desta forma, a pequena prateleira da bagageira pode ser colocada na sua posição mais elevada, aumentando o volume útil de 160 para 215 litros. Sempre é uma mais-valia.

Ambiente incomparável

O habitáculo continua a ser muito agradável, com acabamentos bem cuidados, seja pelo couro vegan, pelas combinações de cores harmoniosas ou pelos tecidos que revestem o painel de instrumentos e as portas. Acima de tudo, e para variar, destacamos o ecrã central circular. A sua reatividade e definição são

notáveis e, acima de tudo, a legibilidade é excelente em todas as condições, mesmo com a capota aberta. Nunca tivemos qualquer problema, independentemente da incidência da luz solar.

Além disso, a apresentação colorida e divertida dos menus distingue-se dos tradicionais sistemas multimédia, e a ergonomia é bem pensada e intuitiva. Realmente, adoramos. Sem esquecer o famoso temporizador Always Open, que contabiliza ao minuto o tempo passado com a capota aberta! No entanto, talvez existam demasiadas opções de personalização.

Para além dos três ‘verdadeiros’ modos de condução (GO Kart, Core e Green), que influenciam a resposta do veículo, a Mini adiciona seis

‘ambientes’ personalizados, reunidos num único menu que exige um deslizar constante para alternar entre eles. Um pouco incómodo quando se pretende mudar rapidamente para o modo Go Kart para uma ultrapassagem, por exemplo.

O mesmo prazer de conduzir

Apenas a versão Cooper S estava disponível para o nosso teste. Não nos queixamos, sobretudo porque o percurso nos levou por estradas sinuosas nas colinas de Barcelona. Um ambiente onde o carro continua a destacar-se pela sua agilidade inigualável. Mostra que não perdeu o dinamismo e condução divertida que lhe deram fama. O motor responde de forma vigorosa e linear

e, mesmo que o som seja menos natural do que no passado, continua a ser agradável aos ouvidos. Pelo menos no modo Go Kart, nome que a Mini atribui ao modo desportivo.

A direção continua a ser uma verdadeira delícia: precisa e incisiva, contribui plenamente para a sensação de desportividade e agilidade do carro. Para completar o quadro, será imprescindível optar pelas patilhas no volante, pois a sua ausência pode ser frustrante. No resto, embora transmita uma sensação um pouco mais “artificial” do que no passado, o Mini Cabrio Cooper S mantém o seu charme praticamente intacto. O preço é de 34.906 euros para esta versão Cooper S e a partir de 31.038 euros para o Cooper C.

ENCONTRE
O SEU
PRÓXIMO
CARRO

Descarregue a aplicação,
e experimente, é grátis!

mycar.lu

Comércio & Classificados

Médicos

Cabinet medico-dentaire
recherche assistante
dentaire-secrétaire H/F
avec expérience.
Gsm: 661 68 75 49

Relacionamentos

Senhor 47 anos procura senhora de
37-48 anos para relacionamento sério.
T. 691619433 depois das 18 horas.
2343622.1



MATENEEN DOHEEM
A.S.B.L.

**Ajuda às famílias
com crianças
deficientes em casa**

Tel./Fax 80 36 34
IBAN LU69 1111 0641 6851 0000



**Les Amis du TIBET
Luxembourg**

22, Bd Joseph II • L-1840 Luxembourg
www.tibet.lu
IBAN LU27 1111 1234 5672 0000

Reportagens exclusivas todas as semanas.

(+352) 49 93 1
contacto@contacto.lu
www.contacto.lu



Diversos

AVIS

Par requête en divorce pour
rupture irrémédiable de la vie
commune déposée près du
Tribunal d'Arrondissement de
et à Luxembourg en date du
13 décembre 2024 par
Madame **ALEM HABTETSION
Selemawit**, née le 13/02/1986
à Ararb (Érythrée), demeurant
à L-1940 Luxembourg, 344,
Route de Longwy, Monsieur
KIROS ASFEHA Momona,
né le 01/04/1987 à Senafe
(Érythrée), actuellement sans
adresse connue, est invité à
se présenter devant le Juge
aux Affaires Familiales le
lundi 17 mars 2025 à 9h00,
dans la salle d'audience au
rez-de-chaussée, sise au 35,
rue de Bonnevoie, L-1260
Luxembourg.

2335480.1

Multi-serviços CamiãoLift,Mudancas,Mon-
tagem/Móveis,Reciclagem,Limpezas,
Jardinagem/Fotografia/Eventos/Aluguer-
Auto/Carrinhas/ligue-nos/+352661157783
2344598.1

Appui école fondamentale lycée 691 186 385
Online ID 123874

Faça a sua declaração de imposto.
Contabilidade de Emp. Tel. 621 784 756
2340482.1

VENTE DE BOIS MÉLANGÉ
150EUR/ 1 CORDE /2M3
+ Livraison 50EUR
Contacter M Moutinho Patrick
691 743 228
2342783.1

A mamografia pode
salvar a sua vida!
Tel. 247 - 75550
C.1015. AM03.02

Marbrerie HARY

DESDE 1918



- Concepção e instalação de pedras em jazigos e campas
- Construção de campas em 24 horas
- Projectos e orçamentos grátis
- Grande exposição

Foetz tel. 55 20 02-1
Luxembourg tel. 48 67 49
Wasserbillig tel. 74 01 40
www.hary.lu



Iles de Paix

Iles de Paix forme et accompagne des milliers d'agriculteurs afin d'améliorer leur sécurité alimentaire et leur qualité de vie.

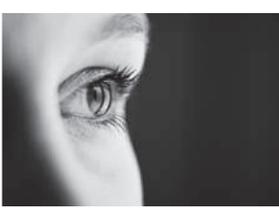
SOUTENEZ LEURS PROJETS D'AVENIR

CCPL LU61 1111 0227 5355 0000

www.ilesdepaix.lu



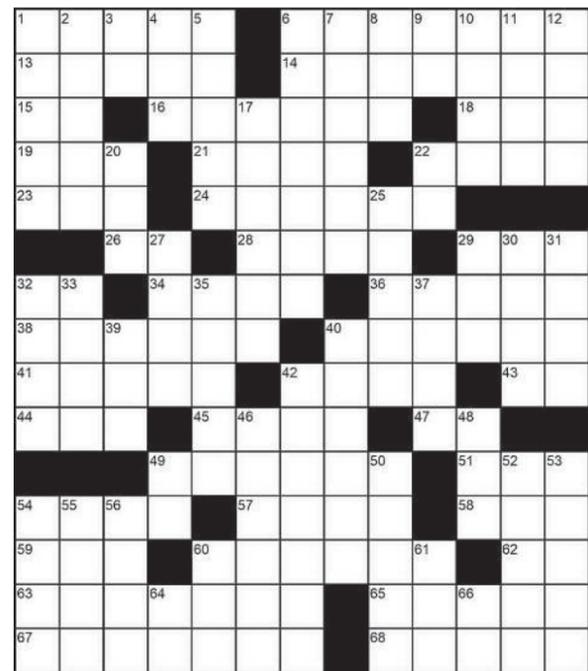
**Fondation
Cancer**



Info
Apoio
Investigação

CCPL LU92 1111 0002 8288 0000
Tel. 45 30 331 - www.cancer.lu

Palavras cruzadas



HORIZONTAIS: 1- (...) Richert, a guru do fitness que quer deixar as mulheres do Luxemburgo em forma. 6- Queda de água por entre rochedos. 13- Enfeitar. 14- Chegar à beira de. 15- Samário (s. q.). 16- Expor à apreciação. 18- Doutora (abrev.). 19- Um certo. 21- Índigo. 22- Comer a ceia. 23- Prefixo (montanha). 24- Narra. 26- Armada Portuguesa (sigla). 28- Involgar. 29- Redução de maior. 32- Numeração romana (200). 34- Escavar. 36- Que se percebe bem. 38- Pregador. 40- Relativo a causa. 41- Ponderei. 42- Rosto. 43- Los Angeles. 44- Reza. 45- Desordem. 47- Rubídio (s. q.). 49- Estância ou estabelecimento de águas termais. 51- Abreviatura de e cetera. 54- Busca. 57- Uso corrente. 58- Oceano. 59- Bago da videira. 60- Tipo de vegetação de transição situada entre as florestas equatoriais e os desertos secos. 62- Letra grega correspondente a n. 63- Crueldade. 65- Líquido colorido pintar. 67- Louvar. 68- Tostar.

VERTICAIS: 1- Sumo de uvas antes de acabar a fermentação. 2- Montar. 3- Na moda. 4- Transportes Aéreos Portugueses. 5- Enganar-se. 6- Que se refere ao cabelo. 7- Dar forma de bola a. 8- Ente. 9- Numeração romana (101). 10- Está em chama. 11- Invólucro de um produto. 12- Lavar. 17- Agravar com tributos. 20- Elogio. 22- Cálcio (s. q.). 25- Tirar sons de. 27- Tem autorização para. 29- Senão. 30- Verbal. 31- Ave de migração, columbina. 32- Pequeno vaso sem asa, pelo qual se bebe. 33- Acreditar. 35- Pancada dos equídeos com as patas traseiras. 37- Luz da Lua. 39-

Pega. 40- Unida (fig.). 42- Enternecer. 46- Marinha de guerra. 48- Pessoa amada. 49- Tântalo (s. q.). 50- Mulher canonizada. 52- Tão numerosa. 53- Gerar. 54- O ponto mais elevado de um monte. 55- Aprovação (fig.). 56- Caule. 60- Vai à rua. 61- Suspiros. 64- Decígrama (símbolo). 66- Símbolo de nanossegundo.

Paulo Freixinho

Palavras cruzadas

Soluções de 5 de março

HORIZONTAIS: 1- CACTUS. 7- TECER. 12- AMORFO. 13- EXALAR. 15- BALEAL. 16- CAVACA. 17- ORAL. 18- TEIMA. 20- HL. 21- ACENDE. 23- PAI. 24- LAT. 27- OITO. 28- PE. 29- ILUSTRE. 31- CALOR. 34- AGRÍÃO. 35- MORADA. 36- MORNHO. 37- GERADOR. 38- AO. 39- CALO. 40- ARO. 41- BAR. 43- MOLHAR. 45- EM. 46- PORÃO. 47- ANIS. 51- NUTRIR. 53- ROTURA. 55- SAIOTE. 56- INALAR. 57- ROLAR. 58- AURORA.

VERTICAIS: 1- CABO. 2- AMAR. 3- COLA. 4- TRELA. 5- UFA. 6- SOLTEIRO. 7- TECIDO. 8- EXAME. 9- CAVA. 10- ELA. 11- RACHA. 14- RALI. 19- ENTE. 22- COTÃO. 23- PELADA. 24- LIAM. 25- ALGO. 26- TURRAR. 28- PARA. 30- SINO. 31- COROA. 32- ODOR. 33- RARO. 35- MELHORIA. 37- GALÁ. 39- CORRER. 41- BENS. 42- AMUAR. 43- MOITA. 44- RATAR. 46- PROL. 48- NULO. 49- IRAR. 50- SARA. 52- TIO. 54- ONU.

Sudoku

		6	4		2			7
	4					1		5
				7	3	2		
7	8		6					2
6			8				7	
3	5		4					9
		1				4		
9	2					8		
4					5			6

(solução na próxima semana)

Solução de 5 de março

Como se joga: Preencha um quadrado de 9x9 (grelha de jogo) com números de 1 a 9, sem os repetir em cada linha e coluna. Também não se podem repetir os números em cada quadrado (ou subgrelha) de 3x3.

6	7	3	8	1	2	4	5	9
9	5	8	4	3	7	2	1	6
1	4	2	5	6	9	7	3	8
2	3	9	1	7	5	8	6	4
8	6	7	3	9	4	1	2	5
5	1	4	2	8	6	3	9	7
3	9	6	7	2	8	5	4	1
4	8	1	9	5	3	6	7	2
7	2	5	6	4	1	9	8	3

Breakfast Time



As melhores OFERTAS da semana

Preços válidos até 16 de Março 2025



Croissant tradição
60 g

A peça 0,95

0,75

-20%

Achocolatado em pó Nesquik
2 x 300 g
ou seja 1,93 a unidade
ou seja 6,42/kg



5,46

3,85

2° 1/2 PREÇO

Vendido separadamente 2,57



Qualidade sem limites



Laranjas sanguíneas
Variedade: Moro Itália, classe 1
Saco de rede 2 kg
ou seja 2,-/kg

3,99

↑ Toucinho de porco fresco e magro, cortado às fatias
Em self-service ou ao balcão



O quilo 40,85

7,99

-25%

logurte com frutas Activia

9 variedades
2 pacotes de 4 x 125 g
ou seja 1,35 a unidade
ou seja 2,69/kg



A escolha 5,40

2,69

1+1 GRÁTIS

Vendido separadamente 2,69



Cerveja Super bock
6 x 0,50 l
ou seja 2,17/l

8,70

6,50

-25%



Água mineral Vittel
(6 + 2) x 1,5 l
ou seja 0,38/l

4,50

0 PACK 6+2



↑ Tarte de maçã
4 partes
500 g
ou seja 19,50/kg

40,85

9,75



O quilo

17,90

Polvo de rocha fresco
Peças de 1 a 2 kg
Pescado no Atlântico Nordeste

Bacalhôa J.P.
Tinto, branco ou rosé
Região Península de Setúbal
Portugal
0,75 l
ou seja 3,33/l

3,20

2,50

+30 pontos



Detergente em Pó Weißer Riese

Original
2 x 50 doses, 2 x 2,5 kg
ou seja 0,14 por lavagem
ou seja 6,95 a unidade
ou seja 2,78/kg

28,78

13,90

1+1 GRÁTIS

Vendido separadamente 13,90



Os artigos estão disponíveis nos nossos supermercados segundo as suas variedades habituais e até ao fim dos stocks. O abuso do álcool é prejudicial à saúde, saiba apreciar e consumir com moderação. O preço riscado corresponde ao preço de referência mais barato dos últimos 30 dias.

Descubra todas as nossas promoções e os nossos horários em www.cactus.lu



Cactus